

Zaratustra: do fracasso pedagógico ao aprendizado por vivência*

Zarathustra: From pedagogical failure to learning through experience

Scarlett Marton**

Resumo: A partir do exame de seções do prólogo e das três primeiras partes do livro, contamos esclarecer os principais traços da concepção de educação nele presentes.

Palavras-chave: Zaratustra; prólogo; educação.

Abstract: Taking as point of departure the analysis of *Thus spoke Zarathustra's* prologue and three first parts, we intend to elucidate the main aspects of Nietzsche's conception of education.

Keywords: Zarathustra; prologue; education.

Recebido em: 05/05/2019 – *Received in:* 05/05/2019

Aprovado em: 10/06/2019 – *Approved in:* 06/10/2019

Dentre os livros de Nietzsche, *Assim falava Zaratustra* é certamente o mais hermético e controvertido. Nele, encontram-se temas centrais da filosofia nietzschiana da maturidade: o conceito de vontade de potência e a doutrina do eterno retorno do mesmo, a superação do niilismo e o projeto de transvaloração de todos os valores, a ideia de além-do-homem e a noção de *amor fati*. Mas essa obra também oferece ao leitor preciosas indicações sobre a maneira pela qual Nietzsche entende o processo educativo.

I.

O primeiro aspecto que queremos ressaltar para desenvolver nossas considerações sobre a maneira pela qual Nietzsche entende o processo educativo em *Assim falava Zaratustra* diz respeito à atitude que o protagonista assume logo nas primeiras páginas do livro. É para partilhar a própria sabedoria que, ao fim de dez anos, Zaratustra deixa sua

* Tradução do texto intitulado “Zarathustra: dal fallimento pedagogico all'apprendere dall'esperienza vissuta” destinado ao XIII Simposio Nietzscheano Permanente, realizado em Arezzo, Itália, em dezembro de 2016.

** Professora Senior da USP, São Paulo, SP, Brasil. Contato: smarton@usp.br

caverna e sua montanha. Como o sol que se põe todos os dias no horizonte, ele desce em direção ao vale. Na cidade, dirige-se ao povo reunido na praça do mercado. E seu percurso começa com um fracasso pedagógico; não soubera discriminar quem poderia ouvi-lo. “Não sou a boca para esses ouvidos”¹. Ainda assim tenta fazer-se entender pelos homens. E seu discurso termina com uma determinação seletiva; aprendera a discernir a quem deveria falar. “Eles não me compreendem; não sou a boca para esses ouvidos”².

No contexto do prólogo, a terceira, a quarta e a quinta seções abrigam o primeiro discurso do protagonista³. Além de introduzir temas e problemas que serão tratados no livro, elas revelam a estratégia a que então recorre Zaratustra. No primeiro momento, ele fala do além-do-homem que está por vir. Recebido com zombaria, passa a falar do homem como “perigosa travessia, perigoso a-caminho” entre o animal que deixou de ser e o além-do-homem que ainda não é. Tratado com escárnio, termina falando do que há de mais desprezível: o último homem. Gradativo, seu discurso compõe-se de três etapas; em cada uma delas, o orador situa-se num patamar. Exorta o povo a abraçar a perspectiva do além-do-homem, tornando-se criador de valores; convida-o a preparar a transvaloração dos valores; limita-se a descrevê-lo enquanto último homem que se apegua aos valores instituídos. Apesar do excesso de zelo, ele não encontra receptividade; malgrado o esforço em fazer-se entender, não chega a atingir o público.

Mas Zaratustra toma ciência de seus ouvintes e, ao fazê-lo, toma ciência do que tem a dizer. Incompreendido pelo povo que dele ri por duas vezes, nota que há um abismo entre seus ouvintes e o que tem a dizer. O último homem entende que a cultura (*Bildung*) o distingue dos pastores de cabras e, por isso, dela se orgulha. Zaratustra despreza o que o último homem entende por cultura e, por isso, a ele fala como um pastor de cabras⁴. Do

¹ *Assim falava Zaratustra*, Prólogo, 5ª Seção, KSA 4.18. Cf. *Mateus* 13, 13. Utilizamos as edições das obras do filósofo e de sua correspondência organizadas por Giorgio Colli e Mazzino Montinari: *Werke. Kritische Studienausgabe*. Berlim: Walter de Gruyter & Co., 1967/ 1978. 15v., e *Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe*. Berlim: Walter de Gruyter & Co., 1975/ 1984. 8v. Sempre que possível, recorreremos à tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho para o volume *Nietzsche - Obras incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 2ª ed., 1978 (Coleção “Os Pensadores”). Salvo indicação em contrário, é de nossa responsabilidade a tradução dos textos de Nietzsche aqui citados.

² *Assim falava Zaratustra*, Prólogo, 5ª Seção, KSA 4.20.

³ “E aqui terminou o primeiro discurso de Zaratustra, também chamado ‘o prólogo’”. Assim o *Vorrede* já contém um *erste Rede*, mas este é apenas preliminar, uma vez que os discursos propriamente ditos só começarão na primeira parte, como indica seu título.

⁴ Cf. *Assim falava Zaratustra*, Prólogo, 5ª Seção, KSA 4.19 e KSA 4.20.

embate de perspectivas, impõe-se a conclusão. Não é de acordo com o modo de pensar e agir em voga que o protagonista se propõe a tarefa de criar novos valores. Não é em sintonia com o contexto cultural vigente que concebe o projeto de transvalorar todos os valores. Ao contrário, o projeto e a tarefa indicam a possibilidade de outra forma de agir e pensar, de outra cultura. “Quero ensinar aos homens o sentido de seu ser: que é o além-do-homem, o raio que surge da negra nuvem homem. Mas ainda estou longe deles e meu sentido não fala a seus sentidos”⁵.

Importa lembrar, porém, que, apesar de não se fazer entender, um processo educativo se põe em marcha. Se, com o seu primeiro discurso, Zaratustra nada ensina à multidão reunida na praça do mercado, ao discorrer para o povo, ele percebe quem são seus ouvintes e ao mesmo tempo se dá conta daquilo que tem a dizer. A partir daí, desafiará seus interlocutores. Não caberá mais a Zaratustra constatar que não é “a boca para esses ouvidos”; caberá agora aos interlocutores mostrar que têm ouvidos para Zaratustra. Concluída a seleção, competirá ao ouvinte fazer jus à escolha. Prova disso é o refrão, retomado da Bíblia, que se repete: “Quem tiver ouvidos, ouça!”⁶. Em três diferentes ocasiões, ele encontra lugar no livro: antes de Zaratustra falar pela primeira vez acerca do eterno retorno⁷, depois de insistir quanto à morte de Deus⁸ e ao exortar a que se faça a travessia do niilismo⁹. Tudo se passa como se o protagonista tivesse de reiterar a necessidade de interlocutores específicos. E, se assim for, é porque acredita na especificidade do que tem a dizer.

Estamos, pois, em condições de afirmar que, nesse momento do seu percurso, o aprendizado de Zaratustra consiste em diferenciar o “público” para discernir a “mensagem”, distinguir a “mensagem” para discriminar o “público”. Mas consiste sobretudo em tomar ciência de que não basta revelar ao povo o que ele não está preparado

⁵ *Assim falava Zaratustra*, Prólogo, 7ª Seção, KSA 4.23. O termo *Sinn* (sentido) aparece aqui referido à fala de Zaratustra e aos órgãos dos que o ouvem. Constitui um procedimento recorrente de Nietzsche empregar uma palavra em diferentes acepções. Para aprofundar a análise do prólogo de *Assim falava Zaratustra*, remetemos a Scarlett Marton, “Nietzsche et sa recherche d'interlocuteurs. Une analyse du prologue d'*Ainsi parlait Zarathoustra*”. In: C. Denat; P. Wotling (orgs.). *Nietzsche. Un art nouveau du discours*. Reims: Épure, 2013, p. 81-101.

⁶ Cf. *Mateus* 11, 15. A mesma frase aparece na *Gaia Ciência* § 234, KSA 3.512 e no *Caso Wagner* § 10, KSA 6.35.

⁷ Cf. *Assim falava Zaratustra* III, Da visão e enigma, 1ª Subseção, KSA 4.199.

⁸ Cf. *Assim falava Zaratustra* III, Dos renegados, 2ª Subseção, KSA 4.230.

⁹ Cf. *Assim falava Zaratustra* III, Das velhas e novas tábuas, 16ª Subseção, KSA 4.258.

nem interessado a ouvir; é de outro modo que terá de se portar. Portanto, é do fracasso pedagógico que resulta o processo educativo do próprio Zaratustra.

II.

Não seria desmedido assegurar que uma nova etapa desse processo educativo tem lugar no prólogo do livro. Se a primeira verdade que recai sobre Zaratustra diz respeito ao que ele tem a dizer, a nova verdade que sobre ele se abaterá dirá respeito àqueles a quem deve falar. Se, na primeira seção do prólogo, ele percebe sua necessidade de presentear e partilhar, na nona, ele se dará conta de si e do outro. “É de companheiros vivos que eu preciso, que me sigam porque querem seguir a si próprios – e para onde eu quero ir”¹⁰. De grande importância, essa passagem apresenta múltiplas implicações. Notamos, desde logo, que, ao falar dos interlocutores que doravante busca encontrar, Zaratustra emprega o termo *Gefährten*; e esse termo diz muito sobre a maneira pela qual ele concebe seus discípulos. Na condição de companheiros de viagem, não irão propriamente acompanhá-lo, mas sim com ele fazer o percurso. Por entender que não há um único caminho, mas tantos caminhos quantos caminhantes, Zaratustra privilegia as singularidades, contrapondo-se a toda tentativa de universalização. Se seus discípulos o seguem, é porque querem seguir a si próprios. Por enfatizar a necessidade de fazer o percurso, Zaratustra ressalta a importância de uma meta que seja comum aos que empreenderão a jornada. Se seus discípulos seguem o próprio caminho, é porque são cúmplices do caminho que ele mesmo segue. “Quero unir-me aos que criam, que colhem, que festejam”¹¹.

Os elementos reunidos até aqui nos permitem afirmar que, ao começar a educar-se, Zaratustra passa a compreender no que consiste a educação. Ela não se confunde com instrução ou com doutrinação. O educador não deve ser um instrutor, no sentido de que não lhe cabe fornecer informações a serem assimiladas. Tampouco deve ser um doutrinador, na medida em que não lhe compete ditar normas e valores a serem respeitados. Não é com base numa liderança a ser seguida ou num paradigma a ser imitado que se faz o processo educativo. Em suma, educador não é quem ensina o que pensar ou como viver, mas é

¹⁰ *Assim falava Zaratustra*, Prólogo, 9ª Seção (tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho, doravante RRTF), KSA 4.25.

¹¹ *Assim falava Zaratustra*, Prólogo, 9ª Seção, KSA 4.26.

aquele que nos impele a nos tornarmos o que somos. E, para tanto, de fundamental importância se revelará o percurso a ser feito.

Ao despedir-se de seus discípulos na seção intitulada “Da virtude que dá” do final da primeira parte do livro, Zaratustra incita-os a se apartarem dele. “Sozinho vou agora, meus discípulos! Também vós, ide embora, e sozinhos!¹² Assim quero eu. Afastai-vos de mim e defendei-vos de Zaratustra! E, melhor ainda: envergonhai-vos dele! Talvez vos tenha enganado”¹³. Antes de voltar para sua caverna e para sua montanha, o protagonista exorta seus discípulos a seguirem a si mesmos. Se assim procede, é porque bem sabe das transformações por que terão de passar. Será preciso que se afastem do mestre, dele se defendam e se envergonhem, para que investiguem se não se deixaram induzir por um sedutor. Será preciso que cessem de venerá-lo e de nele acreditar, para que examinem se não se permitiram levar por um *décadent*. Numa palavra, será preciso que o reneguem, para que se certifiquem do próprio caminho.

A partir desses dados, cumpre enfatizar que não é para um ouvinte apático, que se curva ao que lhe é dito, que Zaratustra fala; não é a um interlocutor conivente, que acata sem restrições o que lhe é imposto, que ele se dirige. Nem submissos nem meramente receptivos, os discípulos que ele almeja serão altivos e partícipes na criação de novos procedimentos e práticas.

Mas Zaratustra continua: “O homem do conhecimento não precisa somente amar seus inimigos, precisa também poder odiar seus amigos¹⁴. Paga-se mal a um mestre, quando se continua sempre a ser apenas o aluno”¹⁵. Por conceber os inimigos como estímulos para prosseguir na jornada, o protagonista incita seus discípulos a tomá-los como aliados. Mas é preciso coragem para praticar a desconfiança, descartar os pré-juízos, evitar as convicções. Por entender os amigos como eventuais entraves a transformações, ele os incentiva a repudiá-los. Mas é preciso destemor para desfazer-se de hábitos, abandonar comodidades, renunciar à segurança. Ora, na medida em que é um “homem do conhecimento”, tais

¹² A propósito da necessidade da solidão, cf. *Assim falava Zaratustra* I, Das moscas do mercado, KSA 4.65 e KSA 4.68; *Assim falava Zaratustra* I, Do caminho do criador, KSA 4.80 e KSA 4.82s.

¹³ *Assim falava Zaratustra* I, Da virtude que dá, 3ª Subseção, KSA 4.101.

¹⁴ Cf. *Mateus* 5, 43-44: “Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos”. Nietzsche retoma, aqui, a ideia já presente em *Assim falava Zaratustra* I, Do amigo, KSA 4.71s: “Deve-se, no amigo, honrar ainda o inimigo. Podes acercar-te de teu amigo sem passar para o seu lado? No amigo, deve-se ter o melhor inimigo. Deves com o coração estar mais próximo dele, quando a ele te opões”.

determinações também se aplicam a Zaratustra. Se aos discípulos caberá ultrapassar o mestre, a este competirá ultrapassar a si mesmo. Em suma, para os que se recusam a desistir da busca, é longo o processo que leva à superação de si. Portanto, se essa passagem vem reiterar a ideia de que Zaratustra encoraja seus discípulos a se perguntarem a seu respeito, ela também dá a entender que cabe ao próprio Zaratustra se questionar a respeito de si mesmo. No limite, é a educação de Zaratustra que promoverá a educação de seus discípulos.

Nesse momento de nossa investigação, não hesitamos, pois, em afirmar que, se os discursos de Zaratustra têm a sua importância, eles não são decisivos no processo educativo. De igual relevância, são as transformações por que passam o protagonista e, por decorrência, seus discípulos; são elas que poderão tornar possíveis novos modos de pensar, agir e sentir.

III.

O exame da segunda parte de *Assim falava Zaratustra* nos permitirá explorar outros aspectos da maneira pela qual Nietzsche concebe a educação. Antes de mais nada, importa notar que, nesse livro, ele jamais lança mão da linguagem conceitual. As posições que avança tampouco se baseiam em argumentos ou razões; assentam-se em vivências. Tanto é que, na seção intitulada “Dos poetas”, o protagonista diz a um de seus discípulos: “Por quê? Perguntas por quê? Não sou daqueles a quem se tem o direito de perguntar por seu porquê. Acaso é de ontem a minha vivência? Há muito que vivenciei as razões de minhas opiniões”¹⁶. Recusando teorias e doutrinas, rejeitando a erudição, Zaratustra sempre apela para sua experiência singular. É com o intuito de reforçar essa atitude que, repetidas vezes, ele recorre à imagem do sangue. Na seção intitulada “Do ler e escrever” na primeira parte do livro, poderemos ler: “De todos os escritos, amo apenas o que alguém escreve com seu sangue”¹⁷.

¹⁵ *Assim falava Zaratustra* I, Da virtude que dá, 3ª Subseção, KSA 4.101.

¹⁶ *Assim falava Zaratustra* II, Dos poetas, KSA 4.163. A propósito d

¹⁷ *Assim falava Zaratustra* I, Do ler e escrever, KSA 4.48.

Caberia aqui lembrar que, numa anotação póstuma de 1880, Nietzsche já antecipa essa ideia ao afirmar: “Todas as verdades são para mim verdades sangrentas”¹⁸. Nessa passagem, como em tantas outras, ele dá a entender que reflexão filosófica e vivência se acham intimamente relacionadas. Não é, pois, com um trabalho técnico, uma área específica do conhecimento ou um domínio do saber, por mais amplo que seja, que a filosofia se confunde. Ela é tarefa, missão, destino. E a tarefa que Nietzsche reivindica para si mesmo, sua missão e seu destino, consiste em atribuir à existência do homem um novo sentido, de modo a propiciar o surgimento de um ser humano capaz de assentir sem restrições a esta vida. Contudo, não é o momento nem o lugar para investigar tais questões; elas excederiam o âmbito e o propósito desta intervenção.

O que importa para nós neste estágio da nossa investigação é ressaltar que tais ideias, de alguma forma, já se acham presentes em *Assim falava Zaratustra*. Nada mais distante do protagonista que o projeto de enclausurar o pensamento, encerrá-lo numa totalidade coesa, mas fechada. Nada mais afastado de Zaratustra que o propósito de colocar a investigação a serviço da verdade, asfixiá-la sob o peso do incontestável. Da sua perspectiva, todo conhecimento é experimental, no duplo sentido de assentar-se em experiências de vida e implicar em fazer experimentos com o pensar.

No livro, o protagonista não procura instituir um sistema doutrinário para o aprimoramento de seus interlocutores nem estabelecer um conjunto de argumentos para levá-los ao assentimento. Recusando-se a conferir caráter monolítico a suas reflexões, não recorre a longos raciocínios e minuciosas demonstrações para convencer seus discípulos da pertinência de suas ideias. Negando-se a pôr-se como senhor autoritário de seus discursos, não procura constrangê-los a seguir um itinerário preciso, obrigatório e programado. Em suma, Zaratustra não expõe doutrinas; não impõe preceitos¹⁹. Limita-se – e isso não é pouco – a partilhar ensinamentos, comungar vivências.

Não seria desmedido afirmar que, assim como para Zaratustra, é recorrente a necessidade de escolher seus interlocutores, é para Nietzsche a de eleger seus leitores. Dentre as razões que explicariam tal necessidade, estaria a ideia expressa em *Ecce Homo*:

¹⁸ Fragmento póstumo 4 [271] do verão de 1880, KSA 9.167. Cf. também Fragmento póstumo 4 [285] do mesmo período, KSA 9.170, onde se lê: “Sempre escrevi minhas obras com todo o meu corpo e a minha vida; ignoro o que sejam problemas ‘puramente espirituais’”.

“Para aquilo a que não se tem acesso por vivência, não se tem ouvido”²⁰. É por isso que, em seu percurso, o protagonista se põe em busca dos que são do seu feito (*seiner Art*). Em várias passagens, ele insistirá que apenas os que lhe são aparentados poderão ter vivências semelhantes às suas²¹. Assim é que, na seção intitulada “Dos renegados” da terceira parte do livro, dirá: “Vivências do meu feito virão também ao encontro de quem for do meu feito”²².

Não há como deixar de sublinhar que essa formulação antecipa, de certa forma, a ideia de configuração fisiopsicológica, que Nietzsche introduzirá em textos posteriores a *Assim falava Zaratustra*. Se dela nos servíssemos para esclarecer o que estaria em jogo na formulação “quem for do meu feito”, poderíamos muito bem afirmar que, em suas vivências singulares, Zaratustra percebe os impulsos que dele se apossam, os afetos que dele se apoderam; nota as estimativas de valor que com estes impulsos se expressam e, no limite, as ideias que com estes afetos se manifestam. Ao pôr-se em busca de quem é do seu feito, o protagonista está à procura de quem experimenta tensões de impulsos, disposições de afetos, similares às suas, numa palavra, quem tem vivências análogas às suas. Somos assim levados a afirmar que é só entre os mais seletos, entre os que são do mesmo feito, que pode se dar o processo educativo.

IV.

A terceira parte de *Assim falava Zaratustra* abre-se com uma seção em que o protagonista começa por se lembrar de suas muitas andanças solitárias desde a juventude. Então, disse ao seu coração: “Sou um andarilho e um escalador de montanhas; não gosto das planícies e não posso ficar sentado tranquilo por muito tempo. E seja lá o que ainda me venha como destino e vivência – sempre será os de um andarilho e escalador de montanhas: afinal, só se tem vivências de si mesmo”²³. Essa passagem sublinha uma vez mais que

¹⁹ Que se lembre da epígrafe aos quatro primeiros livros da *Gaia Ciência*: “Moro em minha própria casa, / Nada imitei de ninguém / E ainda ri de todo mestre, / Que não riu de si também. / Sobre minha porta”.

²⁰ *Ecce Homo*, Por que escrevo livros tão bons, § 1 (Tradução de Rubens R.T. Filho), KSA 6.299.

²¹ Cf. *Assim falava Zaratustra* III, O andarilho, KSA 4.194; *Assim falava Zaratustra* III, Da bem-aventurança a contragosto, KSA 4.20415; *Assim falava Zaratustra* III, Da virtude que apequena, 1ª Sub-seção, KSA 4.211. Cf. ainda *Assim falava Zaratustra* IV, O mais feio dos homens, KSA 4.330, onde se lê: “foste o primeiro a alertar contra a compaixão – não a todos nem a ninguém, mas a ti e àqueles do teu feito”.

²² *Assim falava Zaratustra* III, Dos renegados, 1ª sub-seção, KSA 4.227. No original: “Wer meiner Art ist, dem werden auch die Erlebnisse meiner Art über den Weg laufen”.

²³ *Assim falava Zaratustra* III, O andarilho, KSA 4.193.

Zaratustra tem ciência de que todo itinerário é único; ele bem sabe do caráter singular do que tem a viver. Tanto é que entende que a experiência de cada um se dá de acordo com o seu feitio. Novas vivências hão de vir; por certo, hão de transformar o que ele é, o que tem a dizer e a quem deve falar.

No correr do livro, Zaratustra passará de anunciador do além-do-homem a mestre do eterno retorno do mesmo. Será a sua jornada que o levará a tornar-se o que ele é. Essas considerações indicam que educar implica necessariamente aceitar que ocorram mudanças e transformações; bem mais, implica entender que elas são constitutivas do próprio processo educativo.

O exame da seção intitulada “Da visão e enigma” poderá nos trazer mais elementos na tentativa de elucidar a concepção de educação presente em *Assim falava Zaratustra*. Em seu combate decisivo contra o espírito de peso, o protagonista acusa-o de não estar em condições de carregar o pensamento do eterno retorno do mesmo. Ainda que seu adversário viesse a sustentar a ideia de que tudo retorna sem cessar, ele não conseguiria suportá-la, jamais chegaria a experimentá-la. Eis porque Zaratustra encara o espírito de peso como seu maior inimigo; por causa de sua condição, ele corre o risco de ver seu pensamento tornar-se dogma incontestável, sua concepção converter-se em verdade definitiva. Contrastando com o espírito de peso, que procede de forma dogmática, Zaratustra não hesitará em afirmar: “Por muitos caminhos e de muitos modos cheguei à minha verdade [...]. Um experimentar e interrogar foi todo meu caminhar”²⁴.

Nessa etapa de seu percurso, o protagonista está bem ciente das dificuldades que deve superar para chegar a aceitar o pensamento do eterno retorno. Consciente de que pode carregá-lo, mas ainda lhe falta coragem para anunciá-lo²⁵, Zaratustra compreende, na seção intitulada “Da bem-aventurança a contragosto”, que, para conseguir apropriar-se de seu “pensamento abissal”, será preciso integrá-lo como sua vivência.

Não é por acaso que, prosseguindo em sua jornada, o protagonista se depara, no limiar da grande cidade, com um louco que o povo chama de “o macaco de Zaratustra”.

²⁴ *Assim falava Zaratustra* III, Do espírito de peso, 2ª Subseção, KSA 4.245.

²⁵ Cf. *Assim falava Zaratustra* III, Da visão e enigma, 2ª Subseção (tradução de Rubens R. T. Filho), KSA 4.200 ss., onde o protagonista manifesta seu estado de espírito da seguinte maneira: “Assim falava eu, e cada vez mais baixo: pois tinha medo de meus próprios pensamentos e dos pensamentos que se escondiam atrás deles”.

Essa expressão se explica pelo fato de o louco copiar algo do fraseado e do tom de seus discursos e reproduzir algumas de suas reflexões. Assim é que ele toma a palavra e se põe a criticar a cidade que, a seu ver, não passa de inferno para os eremitas. Interrompendo-o, Zaratustra intima-o a calar-se: “a tua palavra de louco *me prejudica*, mesmo quando tens razão! E, ainda que a palavra de Zaratustra *tivesse* até cem vezes razão: *tu*, com a minha palavra, nunca *terias* – razão!”²⁶ Essa passagem nos traz preciosa indicação sobre a maneira pela qual Nietzsche concebe o processo educativo em *Assim falava Zaratustra*: aprender não consiste em repetir maquinalmente propósitos ou ideias alheias; ensinar não equivale a transmitir o que não nos pertence.

Outros elementos que podem contribuir para esclarecer a concepção de educação presente no livro poderão ser fornecidos pelo exame da seção intitulada “O convalescente”. Percebendo a aproximação de seu “pensamento abissal”, Zaratustra deixa-se tomar pelo nojo. Não é, por certo, a infinita repetição de sua própria existência que ele receia. Não é tampouco o eterno retorno de uma vida de penas e atribulações que teme. No fim das contas, tem ciência de que a dor não constitui uma objeção à vida, que o sofrimento é parte integrante da existência. Que o homem pequeno retorne, isso é o que o atemoriza. Diante dessa ideia, nauseado, cai por terra.

Quando Zaratustra volta a si, permanece num estado de prostração, cercado apenas pela águia e pela serpente, que esperam seu restabelecimento. Depois de sete dias, recuperando-se de suas perturbações, ele se entretém com seus animais. Lançando mão de um procedimento recorrente, Zaratustra sublinha os limites da linguagem antes de exprimir o que tem a dizer²⁷. Quando quer ressaltar a importância de seu ensinamento, insiste sempre na inadequação dos meios de expressão de que dispõe²⁸. A seus animais ele revela o nojo que sentia pelo homem pequeno, a repugnância que experimentava por aquele que se deixa tomar pelo grande cansaço.

²⁶ *Assim falava Zaratustra* III, Do passar além, KSA 4.225.

²⁷ Cf. *Assim falava Zaratustra* III, O convalescente, 2ª Sub-seção, KSA 4.272. Nesse momento, Zaratustra diz a seus animais: “Como é agradável que existam palavras e sons: não são palavras e sons arco-íris e pontes ilusórias entre o eternamente separado?”

²⁸ A propósito dos diferentes procedimentos de Nietzsche em relação à linguagem, remetemos a Scarlett Marton, “Le problème du langage chez Nietzsche. La critique en tant que création”, in: *Revue de Métaphysique et de Morale* 2 (2012), p. 225-246.

Na condição de convalescente, Zaratustra conhece agora sua redenção²⁹: ela consiste em querer que tudo retorne ainda uma vez e um número infinito de vezes, que retorne inclusive o homem pequeno; em suma, ela consiste em extrair as últimas consequências do pensamento do eterno retorno. Zaratustra está pronto para assumir seu “pensamento abissal”. Seus animais, a águia e a serpente, se encarregam, então, de anunciá-lo: “Pois teus animais bem sabem, ó Zaratustra, quem tu és e tens de te tornar: vê, *tu és o mestre do eterno retorno* – e esse é o *teu* destino! Que tu sejas o primeiro a ter de ensinar esse ensinamento – como não haveria esse grande destino de ser também teu maior perigo e doença!”³⁰.

Não hesitamos, pois, em afirmar que, ao dar a ver o seu processo educativo, Zaratustra aponta a necessidade de outro tipo de mestre; bem mais, converte-se num mestre que destoa dos demais. Aliás, para enfatizar essa ideia, não é ele mesmo que assim se autodenomina; são a águia e a serpente que, ao anunciarem o “pensamento abissal”, vão considerá-lo “o mestre do eterno retorno”. Se, aos olhos de seus animais, Zaratustra se tornou efetivamente um mestre, é porque, aprendendo com o próprio ensinamento, ele pôde chegar a incorporá-lo. Pois, é apenas quando integra o pensamento do eterno retorno do mesmo como sua vivência que perfaz seu processo educativo.

V.

Ao fim deste nosso percurso, estamos em condições de avaliar os principais aspectos da maneira pela qual Nietzsche concebe a educação em *Assim falava Zaratustra*. O processo educativo do protagonista começa quando ele passa a discernir a quem deve falar e, ao fazê-lo, toma ciência do que tem a dizer. Compreende, em seguida, que educar não é sinônimo de instruir ou doutrinar, mas sim de impelir a que se torne o que se é. Se não compete ao educador fornecer informações a serem assimiladas nem normas e valores a serem respeitados, ao educando não cabe adotar uma atitude submissa ou meramente receptiva.

²⁹ Na seção intitulada “Da redenção” na segunda parte do livro (pela tradução de Rubens R. T. Filho), KSA 4.181. Zaratustra elucida o que entende por essa palavra: “Redimir o que passou e recriar todo ‘Foi’ em um ‘Assim eu o quis!’ – somente isto se chamaria para mim redenção!”

³⁰ *Assim falava Zaratustra* III, O convalescente, 2ª Subseção, tradução de Rubens R. T. Filho, KSA 4.275. Para uma análise de conjunto desse livro, remetemos ao nosso trabalho, dentre outros, Scarlett Marton. “O eterno retorno do mesmo, 'a concepção básica de Zaratustra'”, in: *Cadernos Nietzsche* 37 (2016), p. 11-46.

Importante ponto de inflexão se apresenta quando, ao encorajar seus discípulos a se perguntarem a seu respeito, Zaratustra também se questiona a respeito de si mesmo. Impõe-se, então, a ideia de que é a educação do educador que promoverá a educação do educando. Nesse sentido, o processo educativo constitui-se de mudanças e transformações, de sorte que serão de primeira importância aquelas por que passará Zaratustra. Ciente do caráter experimental do conhecimento, a ele caberá partilhar ensinamentos com os que são do seu feito. Se ensinar não consiste em transmitir o que não nos pertence, aprender não pode equivaler a repetir maquinalmente propósitos ou ideias alheias. Intimamente relacionado com as vivências, o processo educativo será concebido como um processo de incorporação de novos modos de pensar, agir e sentir.

Assim falava Zaratustra apresenta, pois, o processo educativo de um educador. À medida que Zaratustra se educa, ele educa também seus interlocutores. E, pelo mesmo movimento, Nietzsche conta educar seus leitores.

Referências bibliográficas

NIETZSCHE, F. W. *Werke. Kritische Studienausgabe*. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1967/ 1978. 15v.

_____. *Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe*. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1975/ 1984. 8v.

_____. *Obras incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho, 2ª ed., 1978 (Coleção “Os Pensadores”).

MARTON, Scarlett. “O eterno retorno do mesmo, 'a concepção básica de Zaratustra””, in: *Cadernos Nietzsche* 37 (2016), p. 11-46.

_____. “Nietzsche et sa recherche d'interlocuteurs. Une analyse du prologue d'*Ainsi parlait Zarathoustra*”. In: C. Denat; P. Wotling (orgs.). *Nietzsche. Un art nouveau du discours*. Reims: Épure, 2013, p. 81-101.

_____. “Le problème du langage chez Nietzsche. La critique en tant que création”, in: *Revue de Métaphysique et de Morale* 2 (2012), p. 225-246.